



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Penso, logo distingo-me

Je pense donc je me distingue

I think, Hence I differentiate myself

Bruno dos Santos Farnetano

Orcid: [0000-0001-6444-2201](https://orcid.org/0000-0001-6444-2201)

Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Mestrado Profissional em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Viçosa / UFV (Viçosa, Brasil)

Professor de Clínica Médica da Universidade Federal de Viçosa e da Faculdade de Medicina do Centro
Universitário Governador Ozanam Coelho (Viçosa, Brasil; Ubá, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: brunofarnetano@yahoo.com.br

Resenha do livro:

Sayers, L. D. (2023). *As ferramentas perdidas da aprendizagem*. Campinas, São Paulo: Kirion.

O ponto de partida que orientou esta resenha é a pergunta feita ao leitor, por Dorothy Sayers, no início do livro, e que reproduzo: "Os senhores já ficaram irritados em meio a um debate entre pessoas adultas, supostamente responsáveis, devido à extraordinária incapacidade do debatedor médio de se ater à questão e responder com exatidão ou refutar os argumentos do seu oponente?"

O livro *As Ferramentas Perdidas da Aprendizagem* foi produzido a partir de uma conferência sobre educação ministrada em um curso de férias em Oxford, em 1948, mas segue ainda pertinente, especialmente nos ambientes universitários brasileiros, visto que da irritação até a oposição irracional, muitos embates vêm acontecendo entre parte dos professores e dos alunos, dificultando o que, de fato, importa: transmitir conhecimento.

Na introdução do livro, o filósofo Gustavo Bertoche avança no tempo e contextualiza a principal constatação de Sayers – as pessoas perderam a capacidade de discutir de modo proficiente – com o cenário brasileiro contemporâneo.

Com as redes sociais, a voz dos ineptos é amplificada; os nossos professores estão muitíssimos fragilizados; a cada geração desaparece do uso parte do vocabulário e, assim, o discurso vai perdendo precisão: uma expressão é utilizada com uma pluralidade de significados, as nuances são perdidas, o discurso torna-se cada vez mais bruto, mais simples, mais infantil. Não somente as palavras são utilizadas de modo inadequado, como a própria sintaxe é nivelada para baixo: perde-se a conjugação correta, os tempos verbais, a pontuação. Tudo isso limita o pensamento, que acaba por tornar-se simplório e pueril, mesmo entre pessoas de nível acadêmico superior (Bertoche, 2023, p. 10).

A análise crítica de Sayers conduz ao seguinte diagnóstico: tal incapacidade intelectual no adulto de seu tempo decorre de uma falha essencial da escola que, sem estabelecer uma meta para a educação, decide criar um método e um currículo que conduz a um destino aleatório enraizado no fetichismo das provas e do material didático. Alunos são treinados por décadas a fazerem provas, com uma sucessão agigantada de novas informações, sem compreenderem o que é o processo de aprendizado. Na falta da distinção entre o que é necessário – leitura, interpretação e escrita, ou seja, domínio da linguagem – e o que é secundário – os conteúdos das disciplinas-, perde-se também a capacidade de narrar a própria realidade e de aprender a aprender.

A partir daí, a autora propõe uma retomada ousada de princípios da educação clássica medieval onde o *Trivium* (gramática, dialética e retórica) permearia os currículos escolares de modo que uma criança aprenderia a própria língua com exatidão para fazer declarações precisas, construindo um argumento e identificando falácias, e, por fim, a se expressar pela linguagem de forma elegante e convincente. Claro que, dentro desta estrutura, a grade curricular prevista, com as disciplinas atuais, seria oferecida.

Entendendo que educar não é apenas instruir a partir de um currículo extenso, Bertoche reforça o que parece ter sido perdido de vista: a ascensão de cada indivíduo, a partir de sua circunstância social, econômica e histórica, ao diálogo participante de toda uma civilização.

Sayers finaliza o ensaio reforçando que ainda que haja um legado cultural real, uma civilização não pode viver de “fundos de poupança”. Se uma tradição não for transmitida devidamente, um dia deixará de existir.

Trago agora uma questão comum da minha experiência como professor de faculdade de Medicina. Vou tentar, em seguida, analisá-la à luz das ferramentas que a autora nos forneceu.

Diversos alunos, ainda que tenham bom rendimento em provas e trabalhos nos primeiros anos do curso, apresentam grande dificuldade ao entrar nos ambientes de prática, principalmente na coleta de dados clínicos à beira-leito, na escrita de uma história de maneira adequada e na formulação de hipóteses diagnósticas e condutas precisas, características que, sem dúvida, estão no centro da formação do médico generalista. Tal fato transparece no discurso dos professores por meio de comentários tais como: “o aluno não sabe escrever uma história” ou “os alunos não são tão bons como antes”. Também os alunos se dão conta do problema traduzindo-o por meio de comentários tais como: “eu tenho a impressão de ter esquecido de tudo que já estudei” ou “estudo e não aprendo nada”. Quero deixar bem claro que não estou me referindo a alunos tidos como desinteressados ou que passam de um período ao outro, aos trancos e barrancos. Eu me refiro a alunos cancelados pelos professores como bons, por terem um histórico de boas notas e bom comportamento. É nítido que um bom rendimento nas provas não reflete a capacidade do aluno aprender a fazer uma consulta clínica. Também, os professores não percebem que não estão ensinando o que realmente é essencial. Tudo indica que não conseguem descrever o cenário onde estão inseridos de forma precisa. Há uma lacuna

no que diz respeito ao modo de aprender a estabelecer uma relação médico-paciente para a apreensão e descrição da realidade dos sinais e sintomas, caso a caso. E, talvez, uma outra lacuna no que concerne às habilidades docentes em adquirir e transmitir conhecimento real de Medicina e cultura médica, e não apenas conteúdos para uma prova.

Retorno à introdução de Bertoche, na descrição do caso Feynman. Richard Feynman, físico vencedor do Prêmio Nobel em 1965, dedicou ao Brasil um capítulo inteiro de sua biografia. Após ter passado alguns anos lecionando como professor convidado da Universidade do Brasil (futura Universidade Federal do Rio de Janeiro), Feynman apresentou uma conferência sobre tal experiência. Ele descreveu o seu desconcerto inicial com os chamados bons alunos da faculdade já que não conseguiam responder a nenhuma pergunta que não estivesse explícita nos manuais. Poucos alunos sequer entendiam – e conseguiam explicar – os fundamentos das teorias que aplicavam nas questões de prova que acertavam. Ao final, o professor completa dizendo que já esperava que houvesse um sistema deficiente, mas não 100% fraudulento. Que fraude? A de que alunos são treinados apenas para passarem nas provas e que professores são treinados para treinarem alunos a passarem em provas.

Na intercessão da minha experiência com a opinião expressa de Feynman, volto a Sayers com a sua proposta de educação direcionada ao desenvolvimento intelectual do aluno como ponto central do processo de ensino. Mas antes relembro, em passant, um fenômeno recente no Brasil. O grande número de cursos que treinam alunos, ao final do curso de Medicina, para passarem nas provas de residência e a obsessão dos alunos em serem treinados – novamente! – a fazer provas.

A autora discrimina três estágios na formação da criança: fase do papagaio, onde decorar e memorizar é fácil e agradável, mas raciocinar é difícil. A criança repete o que memoriza, tem prazer em decorar placas de carro, números de telefone e um número quase infinito de personagens e suas características. Uma fase necessária para a aquisição de normas linguísticas e formação de vocabulário; fase do atrevido, a criança já possui um certo domínio da língua e começa a se encantar por charadas e “pegadinhas”, são extremamente chatas (palavras da autora, das quais eu não discordo), mas estão propensas ao treinamento da construção dos discursos, ao desenvolvimento da precisão na forma escrita e na interpretação de textos; fase do poeta, a fase onde sujeito quer se expressar – estamos chegando à adolescência – e se torna especialista em ser incompreendido. Com uma boa dose de orientação – e sorte! – é nessa etapa que a pessoa pode desenvolver a criatividade na busca de sintetizar as suas experiências e fazer algo melhor do que os outros. Dentro desse trajeto, Sayers propõe que a escola adote um currículo onde as disciplinas habituais sigam este eixo de formação psíquica da criança e utilize os princípios do *Trivium* (as ferramentas perdidas!). Ela acredita que o aluno, ao final de um determinado período, se tornaria capaz de ler e compreender um texto, a formular um resumo e a debater com proficiência os temas centrais apresentados e que tal habilidade permitiria que ele se aprofundasse em qualquer cadeira universitária pois já teria base linguística suficiente.

Por fim, concluo com uma reflexão: parece-me que estamos em um momento em que alunos não sabem aprender e professores não sabem ensinar. O problema, conforme Sayers, está na educação infantil e os alunos e professores não são devidamente preparados, desde a infância, para as funções que irão ocupar. Segundo Feynman, é possível que já tenhamos um processo fraudulento no Brasil, onde não há qualquer conexão entre o que é falado em sala e cobrado nas provas com o propósito verdadeiro da educação universitária. A partir daí, pergunto: Seria útil montar um programa de extensão curricular, durante toda a graduação, que permita que professores e alunos, amparados por alguém que tenha as ferramentas adequadas, possam discutir temas médicos concretos levando-se em consideração a formação linguística e cultural de ambas as partes com o objetivo de que todos dominem a linguagem? Tais programas poderiam utilizar a descrição de Sayers, do desenvolvimento das crianças, para educar corretamente os adultos envolvidos e que, notoriamente, precisam de educação?

Citação/Citation: Farnetano, B. dos S. (nov. 2022 a abr. 2023). Penso, logo distingo-me. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(35), 141-144. Disponível em www.isepol.com/asephallus.
Doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n35p141-144

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 28/02/2023 / 02/28/2023.

Aceito/ Accepted: 01/04/2023 / 04/01/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.